

# Ao Capelão Soren

(Discurso pronunciado pelo Pastor José dos Reis Pereira, em nome da Ordem dos Ministros Batistas do Brasil, na recepção ao Capelão João F. Soren, efetuada em 28-8-1945).

Incumbência difícil é esta que a Ordem dos Ministros Batistas do Brasil me entregou. Primeiramente devo substituir nesta alocução um dos mais completos e conhecidos oradores batistas, verdadeiro príncipe dos nossos púlpitos, o pastor Rubens Lopes, de São Paulo, orador oficial da Ordem e que, muito a contragosto, por absoluta impossibilidade, não pôde comparecer a esta cerimônia. Depois devo falar ainda sob o império da intensíssima emoção sentida naquela noite memorável do dia 23, quando nosso capelão apareceu de novo neste púlpito onde esteve quase um ano ausente. Eu estava no auditório naquela grande noite e quando ele surgiu, um colega me disse: "Temos diante de nós um herói!" Sim, um herói. E aí está minha terceira dificuldade: que palavras irei encontrar com que saúde um herói, palavras que sejam suficientemente sóbrias, seguras e significativas? Que palavras poderei encontrar para saudar um herói que nas suas lides mais do que nunca veio a compreender o quanto valem as palavras e como devem elas ser empregadas? Não soariam as minhas vazias, ocas, absolutamente destituídas de significação aos ouvidos de quem em momentos supremos soube empregar as palavras supremas e decisivas?

Corro, entretanto, confiadamente estes riscos. Eu estava, como já disse, no meio daquela multidão que na noite de 23 veio trazer as boas vindas ao capelão que regressava à sua pátria e à sua igreja. Eu fui um daqueles três mil que, ao aparecer ele na plataforma, nesta plataforma, se ergueram unânimes como que movidos por mola misteriosa, eletrizados pela comoção e que não tendo outro recurso com que manifestar seus sentimentos romperam numa estúpida salva de palmas. Ah, aquelas palmas noutras circunstâncias e inspiradas por outros motivos, seriam uma profanação neste templo. Mas naquela noite, permiti-me dizê-lo, elas tinham qualquer coisa de sagrado e de respeitável: foram elas o meio de que se valeu o povo para expressar sua alegria, suas ações de graças, sua admiração pelo herói que voltava coberto de glória e que em 11 meses de campanha não deixou um só dia de honrar o evangelho e o povo que o enviou. Aquelas palmas eram entusiasmo, eram vibração, mas eram também um hino e uma prece. Um hino de alegria e triunfo, uma prece de gratidão. Que as perdoe e desculpe o capelão, caso não possa desculpá-las o pastor.

Como sei do meio daquela multidão vibrante e ansiosa parece-me menos difícil minha missão. Penso que me basta abrir o coração e deixar que dêle brotem as palavras que todos aqui poderiam dizer: espontâneas, singelas, simples, de um coração para outro coração.

A Ordem dos Ministros Batistas do Brasil sente-se orgulhosa do capelão que um dia resolveu recomendar ao governo brasileiro para acompanhar nossos bravos expedicionários que nos campos de luta mais uma vez comprovaram a fibra lendária do soldado brasileiro, escrevendo com seu sangue generoso, páginas imortais de heroísmo e de abnegação. Que nosso capelão correspondeu a tudo quanto dêle se esperava dizem-no muito bem as condecorações que lhe foram outorgadas e sua brilhantíssi-

ma fé de ofício. Nós sabíamos que ninguém melhor do que ele se desempenharia da grandiosa tarefa. Sabíamos que de nós era ele o mais indicado para essa grave e importantíssima missão. Nos dias e meses que se seguiram tivemos a mais completa confirmação de nossas suposições. Desde logo, aqui mesmo no Rio, começou ele a faina infatigável. Embarcando, a bordo, enquanto demandava as terras distantes e incertas da Itália, prosseguiram os seus esforços. E em campanha são do conhecimento de todos os seus feitos magníficos, a esplêndida maneira por que honrou o evangelho de Jesus Cristo. Quem senão ele teria esse cuidado, esse carinho especial com que tratar soldados feridos ou desencorajados ou apreensivos? Quem senão ele teria essa excepcional capacidade de organização e de trabalho que lhe permitiu desde os primeiros dias de entrada em suas funções dar uma organização magnífica aos serviços de assistência religiosa aos soldados crentes, organização que iria dar provas de sua eficiência quando chegaram os dias de luta? Quem senão ele teria o espírito de renúncia, de abnegação, de que deu provas durante todos os dias de sua investidura? Quem senão ele, meus senhores e meus irmãos, seria capaz daquele gesto heroico de ir em terrenos ainda minados e ainda sujeitos ao fogo do inimigo, recolher os corpos dos 46 valentes brasileiros tombados no cumprimento do dever?

Sobretudo esse episódio exalta a nossa imaginação e impressiona a nossa admiração. Como que o revemos, o infeliz soldado da paz, sem armas na mão mas com uma prece poderosa nos lábios, seguindo destemerosamente à frente de um pelotão de sepultamento, pelas abas do Monte Castelo, por entre minas que se escondiam traiçoeiras, a examinar e a identificar cadáver após cadáver. Revemo-lo nessa missão piedosa recolhendo esses 46 corpos caros à pátria, entre os quais estava o grupo dos 17 de Abetaia, grupo épico que se figurar nas páginas de nossa história num friso heroico, a par dos bravos de Antonio João e dos heróis da Laguna.

Por esse tempo publicaram os nossos jornais e revistas uma fotografia em que se via o nosso capelão curvado junto ao cadáver de um soldado ao qual fora ligada pelo inimigo solerte uma perigosa mina. A publicação da fotografia que evidenciava o heroísmo do nosso homenageado de hoje encheu-nos a todos, naturalmente, do mais compreensível júbilo, mas houve muito que involuntariamente estremeeceram ante a possibilidade ali evidente de que o engenho mortífero que ele descobrira tivesse cumprido sua sinistra missão, ceifando aquela vida preciosa e heroica.

É fato interessante: aquela fotografia de jornal em que nem se distinguiam as feições de nosso capelão foi religiosamente recortada e guardada como preciosa lembrança por dezenas de pessoas, como quem guarda o retrato de um ente querido e distante. Foi uma das maneiras por que nosso povo evidenciou seu interesse e seu afeto por aquele que tão bem e tão nobremente o representava no teatro da luta.

Como todo o nosso povo, nós os pastores batistas, acompanhamos com o nosso

## UMA GRANDE OPORTUNIDADE

Por alguns anos a Junta de Escolas Dominicais e Mocidade vem patrocinando um programa de itinerância durante as férias de dezembro — março. Durante estes meses seminaristas e pre-seminaristas vão para os vários campos com o fim de promover institutos e Escolas Populares e para vender Bíblias e livros. Nas férias que terminaram em março deste ano treze moços fizeram o trabalho em sete campos diferentes, trabalharam em 100 igrejas, promoveram 96 institutos em que 1.154 pessoas foram aprovadas, com média de assistência de 3.737, promoveram 40 Escolas Populares, e venderam 3.950 livros e Bíblias.

A Junta Cooperadora, na sua última reunião, resolveu cooperar com este programa de trabalho, e apresenta, portanto, o plano às igrejas. A Comissão de Publicações, Escola Dominical, e Escola Popular Batista da Junta Cooperadora dirigirá o trabalho em nosso campo. As igrejas que quiserem cooperar no plano devem procurar informações desta comissão.

Em geral o plano é o seguinte:

1. A Junta de Escolas Dominicais e Mocidade enviará obreiros às igrejas durante os meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro para promover Escolas Populares, Institutos do Curso da Escola Dominical e do Curso da Mocidade, e vender Bíblias e livros.

2. A responsabilidade financeira da igreja será a de pagar Cr\$ 50,00 para o salário do itinerante durante a semana. A Junta de Escolas Dominicais e Mocidade também pagará Cr\$ 50,00. Além disto as igrejas devem cuidar das despesas de condução.

3. As igrejas fornecerão a hospedagem para os obreiros.

4. O trabalho começará sempre no domingo para terminar na sexta-feira.

Temos uma grande oportunidade de ter obreiros treinados, preparados, prontos a fazer este trabalho em nosso meio. Queremos pedir, então, que as igrejas que queiram cooperar com a Junta Cooperadora e a Junta de Escolas Dominicais e Mocidade neste sentido se comuniquem com a Junta Cooperadora, sugerindo a semana mais propícia para o trabalho. Se houver qualquer pergunta ou dúvida sobre o plano poderá também escrever pedindo esclarecimentos.

pensamento e as nossas orações o nosso capelão. Estavam com ele nosso pensamento e nossas orações na madrugada fria e enfarruscada em que ele embarcou para as terras onde se lutava; estavam com ele enquanto singrava as águas verdes e enerspadas do Atlântico onde ainda se ocultavam traiçoeiros os submarinos inimigos; estavam com ele naquela manhã radiosa e linda em que penetrou na bela baía de Nápoles; estavam com ele nas horas de provação e de sacrifício; estavam com ele nos instantes de perigo e de angústia. Era de ver a inquietação que nos devorava quando escasseavam as notícias; todo o nosso povo freuiu quando correu a nova, felizmente falsa, de que ele havia sido ferido. E no dia em que ele chegou de volta à pátria quase posso garantir que não houve lar batista em que não se levantasse uma fervorosa oração de ação de graças a Deus.

(Continua na pag. 3)

## DECADÊNCIA DO CATOLICISMO

O catolicismo romano é hoje, evidentemente, um sistema político-religioso que está em estertores de morte. A agonia em que se contorce já se transformou em grito desesperador. Não é de estranhar, porém, que se encontre em semelhante situação agora de vez que esta guerra foi uma espécie de cadinho para alguns sistemas opressores da consciência e da liberdade humanas.

A atitude do papa em face da situação política do mundo, tem redundado em desastre para a família católica. É que, quem se liga a qualquer sistema político, sujeita-se, de alvitre próprio, às mutações que acompanham a evolução do pensamento humano no que concerne às coisas públicas. Com esta linha de conduta, o catolicismo, sem o saber, denuncia a sua própria fraqueza. Não se sustenta com os seus próprios recursos. Precisa encostar-se ao governo ou adotar um regime qualquer e tornar-se dele propagandista afim de conquistar as graças dos seus próceres e disso tirar proveito econômico. Mas os homens falham, e as coisas temporais nunca servirão de base sólida para a implantação de qualquer fórmula com visos de religiosidade.

O romanismo, como sistema religioso, tem sido uma verdadeira aberração das coisas espirituais. Eis a razão porque, nas tréguas dos campos de batalha, os soldados procuravam, com acentuado interesse, os capelães evangélicos. Evangelho é vida, conforto, esperança. A formalidade das missas, a utópica supremacia espiritual da Igreja, seus métodos de ação e seus meios de propaganda, estão sendo severa e rudemente desmascarados pela consciência pública esclarecida pela realidade da vida. Mingua, cada dia, o número dos que se submetem ao suposto valor miraculoso das missas ou aos irracionais sacrifícios físicos como requisito para a obtenção do favor divino. Não é, pois, sem razão que agora o papa comece a "dancar em corda bamba" sem saber em quem encostar-se para dali tirar o seu sustento e manter a sua estabilidade.

É possível que agora, o mundo, cansado como está dos regimes de opressão, leve a efeito um ajuste de contas com o sistema papal que se iguala ao nazismo e ao facismo. Até aqui, nada se falou sobre o "perigo romanista" porque o papa, maneiroso como é, tem sabido avançar quando há oportunidade e recuar quando é necessário e mais conveniente. Mas a consciência mundial está sendo sacudida pela vitória das armas democráticas e já se esboça um movimento de reação à insaciável sede de poder e supremacia do Vaticano. Têm sido poucos os governos que ousam levantar a sua voz para reprimir as insinuações vaticanistas de domínio e privilégios na comunidade política. E, em geral, o poder do romanismo é tal que mesmo que algum governo pretenda acusá-lo, sente-se inibido disso e pequeno diante da fachada papal. Roosevelt nunca foi católico, e, no entanto, manteve um embaixador especial junto à Santa Sé. Getúlio Vargas, ao que parece, não é católico. Mas, nem por isso deixa de atender às petições impostas pelo catolicismo.

O romanismo age com as armas da política. Mas isto não é estranho no seio de uma comunidade que através de sua história tem demonstrado o seu caráter secular. Extranho, porém, é que continuemos a viver numa atmosfera viciada pela tirania romanesca depois da vitória das democracias. As acusações mais severas ao Vaticano como centro dos co-

núbios totalitários, têm partido da Rússia através dos seus dois maiores órgãos de imprensa: o "Izvestia" e o "Pravda". O Vaticano procura agora justificar-se de seus atos atacando a Rússia e seu sistema socialista. Ainda há pouco, o prelado desta capital recomendou aos sacerdotes que em certo domingo deixassem a monotonia das missas e fizessem uma pregação especial contra a rearticulação do comunismo no Brasil. E um escritor católico, comentando o fato de o clero se movimentar em torno da política nacional, taxa essa atitude de sumamente perigosa. Discute, porém, o assunto, tendo o pensamento voltado para as grandes reservas financeiras da igreja e que por certo viriam a ser perturbadas pelos princípios socialistas. Critica também os propósitos do "meeting" do Largo da Sé em São Paulo assim: "A meu ver foi pior do que uma derrota. Porque o clero brasileiro, como tal, não deve ter linha política. E o que se viu em São Paulo foram padres carregando N.S. Aparecida e invocando o Sagrado Coração de Jesus, explorando na realidade Nosso Senhor e Nossa Senhora, numa manifestação de massas. Foi uma confusão enorme dos planos espiritual e político". E mais adiante: "O clero, como tal, não deve ter linha política de espécie alguma. Por isso, lembro aos católicos que eles não devem esperar do clero uma diretiva política". Mas o clero continua querendo enfeixar em suas mãos o poder de dirigir as massas e moldar-lhe os sentimentos como melhor lhes parece.

O líder do pensamento católico do Brasil, sr. Tristão de Alaide, achou de criticar a Carta Brasileira de Educação Democrática, com pensamentos viciados e usando uma argumentação que, dissimulando o que ele verdadeiramente deseja a consagração dos princípios de sua fé pessoal (princípios católicos), emprega um tremendo esforço para combater idéias contrárias às suas. Mas este é mais um dos muitos esforços empregados pela igreja e pelos seus sequazes para manter a sua hegemonia. Tenho para mim que todo esse esforço será baldado. Porque, a credulidade das massas não será mais facilmente explorada pela pomposidade do clero e dos templos. Ademais, o esforço dos evangélicos na pregação de Cristo, está despertando a consciência do povo para a consideração daquilo que é eterno e que pode fazer o homem feliz. Cabe, pois, a nós, uma grande soma de responsabilidade no esclarecimento espiritual do nosso povo.

Lauro Bretones.

## Ao Capelão Soren

## !Conclusão

Agora ele está outra vez conosco e a alegria nos extravaza nos corações. Porque ele voltou nós nos sentimos melhores, mais animados, mais esperançosos, para prosseguir na luta de todos os dias.

Nesta hora, pois, nós agradecemos e exaltamos a Deus porque permitiu que o seu servo executasse de maneira tão completa e feliz sua gloriosa e triunfante missão.

Agradecemos e exaltamos a Deus porque o preservou em meio a mil perigos desconhecidos;

Agradecemos e exaltamos a Deus porque o trouxe de volta ao nosso meio e ao nosso trabalho e agora podemos contar com a sua presença, a sua inspiração, o seu exemplo e a sua indispensável liderança.

Que seja louvado o Senhor!

## O QUE VAI PELAS IGREJAS

## INHAÚMA

Nossa Igreja exulta de humilde e justo contentamento por que chovem as bênçãos de Deus sobre suas atividades. Além dos cultos bem frequentados, do aumento de número de membros por batismo e carta demissória e reconciliação, da intensificação da obra de evangelismo e valiosa cooperação de visitantes amigos, e bom andamento das organizações em franco ritmo com as aspirações da Igreja, sobreleva-se a possibilidade da construção do futuro Santuário, uma vez que a Junta Patrimonial acaba de emprestar-nos a importância de Cr\$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros). Este fato constitui a concretização de um sonho que a nossa igreja tem alimentado por muitos anos. Estamos orando a Deus afim de que nos dê a glória para a realização desse notável cometimento e solicitamos que nos auxilium todos os que amam o progresso do Reino de Deus. Nossa campanha pró-Mobiliário também progride sensivelmente; começou em janeiro deste ano já está em 30.000 cruzeiros havendo, até agora, contribuído 14 Estados e o Distrito Federal. Acabamos de ter uma série de conferências pelo ex-frade Dr. Carlos Matos, professor de filosofia e bastante culto. O pastor está fazendo um estudo bíblico neste mês; de 12 a 19 de Agosto o Dr. L. M. Bratcher realizou uma série de conferências evangélicas. Em Setembro haverá uma série de conferências comemorativas do 12º aniversário da Igreja. Em outubro, com o valioso concurso de vários colegas e irmãos realizaremos um excelente Instituto Bíblico. O mês de novembro ficará assinalado pelas conferências do Rev. Isaias Sucasas, pastor da Igreja Metodista no Catete. Em dezembro encerraremos o programa do ano com as festas características desse mês sugestivo.

Certamente, na perspectiva de tantas aspirações superiores, não estamos sem problemas internos, porém nada nos abate, porque nossa confiança como obreiros e como Igreja primeiramente está em Deus e depois ainda está n'Ele mesmo. Na plenitude dessa fé estamos certos da vitória e para ela, em nome da Igreja, eu convoco todo o povo de Deus que esteja em condições de comungar conosco em tão santos propósitos.

Walfrido Monteiro — Pastor.

## ROCHA MIRANDA

No propósito de trazer ao conhecimento dos Pastores e Igrejas da nossa grande Capital fatos anormais que se passaram na Igreja Batista em Rocha Miranda, venho pedir a publicação do que segue.

A igreja Batista em Rocha Miranda reunida em sessão extraordinária no dia 19 do corrente, resolveu excluir do rol de membros ativos os seguintes elementos: José Pinto de Oliveira, Felipe Teixeira, Pedro Paulo do Nascimento, Elpidio do Nascimento, Eulina do Nascimento e Zaida do Nascimento, pelo motivo de perverterem a vida espiritual da igreja e bem assim difamarem o pastor em reuniões clandestinas.

Grato pela publicação, sou o melhor em Cristo

Eutropio H. Andrade — Pastor.